

OS CLÍTICOS, PRONOMES LEXICAIS E OBJETOS NULOS NAS TRÊS CAPITALIS DO SUL.

Edson Domingos Fagundes

Este trabalho apresenta os resultados de pesquisa na área de Variação Lingüística que visou delinear a situação dos *clíticos de terceira pessoa*, *pronomes lexicais* e *objetos nulos* no português do Brasil, especificamente aquele dos falantes das três capitais do sul. O *corpus* que orienta a pesquisa é composto a partir de entrevistas do banco de dados do projeto "VARSUL", "Variação Lingüística Urbana Na região Sul do Brasil.

Esse *corpus*, retirado de um total de 72 entrevistas referentes a Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, ficou assim constituído: 1.278 ocorrências, sendo que 978 dizem respeito a ocorrências de *clíticos*, *pronomes lexicais* e *ausências de preenchimento* (doravante Ø) OD. Os dados restantes, 300 ocorrências, dizem respeito aos *pronomes lexicais* e *ausências de preenchimento* do OI (não houve registro de ocorrência para *clítico* OI que pudesse ser considerada)

Conforme mostra a tabela 1, abaixo, a distribuição das ocorrências, em número absoluto, é assim apresentada:

TABELA 1 – NÚMERO TOTAL DE OCORRÊNCIAS DE *CLÍTICO*, *PRONOME LEXICAL* E *ZERO*

		o	3	lhe	0
		a	0	lhes	0
		os	1	para ele	110
		as	0	para ela	74
		lo	7	para eles	49
		la	7	para elas	7
		los	3	a ele	5
		las	0	a ela	6
		ele	189	a eles	3
		ela	133	a elas	1
		eles	47	Ø	45
		elas	7		
		Ø	581	Total:	1278

Como se pode observar, para algumas formas (*a*, *as*, *las*, *lhe*, *lhes*) não houve registro de ocorrências; outras, como é o caso do Ø em lugar de OD, ocorrem em maior número.

Uma vez que os números absolutos não permitem uma análise clara e criteriosa, as tabelas que serão apresentadas a seguir tratam das ocorrências em termos de *percentual* e *peso relativo*, além dos números absolutos. Para efeito de análise, estaremos considerando os pesos relativos (muitas vezes referido, na literatura sociolingüística, como índice de probabilidade).

Os dados foram codificados e submetidos à análise estatística através do pacote VARBRUL. Como condicionantes foram levados em conta os grupos de fatores:

– O fator lingüístico considerado foi o *traço* [\pm animado] do referente.

– Os fatores sociais constantes do Banco de Dados do VARSUL:

1) *Localidade* : Curitiba (CTB), Florianópolis (FLP) e Porto Alegre (POA).

2) *Sexo do informante*: masculino (m) e feminino (f).

3) *Faixa etária*: 25 a 50 anos (A) e com mais de 50 anos (B).

4) *Nível de escolaridade*: primário (PRI), ginásio (GIN) e segundo grau (SEG).

Os resultados serão apresentados e analisados separadamente, ou seja, primeiro OD, a seguir OI.

OS DADOS RELATIVOS AO OBJETO DIRETO

As primeiras rodadas estatísticas envolvendo as ocorrências relativas ao OD trataram os grupos de fatores relacionando-os à variável dependente com as três variantes: *clítico*, *pronome lexical* (doravante FL= forma lexical) e \emptyset . Todavia, uma vez que as ocorrências de clíticos somaram número pouco significativo, 21 para OD e nenhuma para OI, produzindo assim uma distorção na leitura dos pesos relativos, optamos por uma nova rodada estatística, desta vez excluindo os *clíticos*. De qualquer forma, apresentaremos a seguir os resultados dessas duas rodadas, a fim de ilustrar e justificar nosso posicionamento frente aos dados. Não se trata, portanto, de buscarmos os resultados que melhor se adequem às nossas intenções, ou que correspondam às nossas expectativas.

O primeiro grupo de fatores a ser tratado, diz respeito ao traço [\pm animado] do referente, como demonstram as tabelas 2 e 3.

TABELA 2 – OCORRÊNCIAS DE PRONOME LEXICAL, ZERO E CLÍTICO PARA OBJETO DIRETO EM FUNÇÃO DO TRAÇO [\pm ANIMADO] DO REFERENTE

Grupo 1	FL	\emptyset	CLÍTICO	Total
[– animado]	58	410	7	475
%	12	86	1	
peso	.144	.581	.275	

[+ animado]	318	171	14	503
%	63	34	3	
peso	.564	.140	.296	
Total	376	581	21	978
%	38	59	2	
INPUT	.335	.648	.17	

Primeiramente, na tabela 2, podemos observar que o traço [+ animado] do referente favorece a ocorrência de FL; por sua vez, o traço [- animado] indica a preferência dos falantes pela ausência de preenchimento. Todavia, se consideramos só os pesos relativos dos dados da tabela 2, independente do percentual de ocorrências, podemos observar que os pesos relativos dos *clíticos* indicam probabilidade maior de ocorrência da forma *clítico*, primeiro em relação à FL no que se refere ao traço [- animado]; depois em relação a Ø no que se refere ao traço [+ animado]. Ou seja, a tabela nos mostra que, no tocante ao caráter [± animado] do referente, é mais provável a ocorrência do *clítico* em vez FL, quando o referente form não animado. Por outro lado, é mais provável que ocorra o *clítico* em vez de Ø quando o referente for animado.

Ao considerarmos, isoladamente, os pesos relativos relativos ao *input* dos 978 dados computados, teremos os seguintes resultados, FL: .335, Ø: .648 e *clítico*: .17. Ou seja, a probabilidade de ocorrência de *clíticos* no *corpus* foi muito pequena, se considerarmos os resultados relativos a FL e *clítico*.

TABELA 3 – OCORRÊNCIAS DE PRONOME LEXICAL E ZERO PARA OBJETO DIRETO EM FUNÇÃO DO TRAÇO [± ANIMADO] DO REFERENTE

Grupo 1	FL	Ø	Total
[- animado]	58	410	468
%	12	88	
peso	.20	.80	
[+ animado]	318	171	489
%	65	35	
peso	.79	.21	
Total	376	581	957
%	39	61	
INPUT	.35	.65	

Na tabela 3, todavia, da qual os *clíticos* foram excluídos, temos temos diferenças acentuadas. Primeiramente, os valores referentes ao *input* não são muito diferentes aos da

tabela anterior: mostram que, no que se refere ao OD, há preponderância das ocorrências de Ø em relação à FL. No tocante ao traço [± animado] do referente, o fato de não computarmos os *clíticos* na rodada estatística provoca mudança expressiva nos resultados, evidenciando a preferência inversamente proporcional do Ø pelo traço [- animado] e de FL pelo traço [+ animado], como já havia sido demonstrado na tabela anterior.

A seguir trataremos das ocorrências de *clíticos*, FL e Ø com relação a fator *localidade*. Inicialmente, ao observarmos os dados relativos a Curitiba, a tabela 4 nos permite dizer que, para esta cidade, embora haja número maior de ocorrências para Ø (154 contra 91 de FL e somente uma de *clítico*), há maior probabilidade de ocorrência da FL (.505), seguida do Ø (.370) e do *clítico* (.125).

TABELA 4 – OCORRÊNCIAS DE PRONOME LEXICAL, ZERO E CLÍTICO PARA OBJETO DIRETO EM FUNÇÃO DO FATOR LOCALIDADE

Grupo 2	FL	Ø	CLÍTICO	Total
CTB	91	154	1	246
%	37	63	0	
peso	.505	.370	.125	
FLP	146	237	12	395
%	37	60	3	
peso	.185	.315	.501	
POA	139	190	8	337
%	41	56	2	
peso	.305	.244	.452	

Todavia, ao analisarmos os dados referentes a Florianópolis e Porto Alegre, embora os números absolutos e os percentuais digam o contrário, a tabela nos mostra que a probabilidade de ocorrência é maior para os clíticos nestas duas cidades. Como tal distorção poderia estar sendo produzida pela presença dos clíticos, estes foram isolados na amostra, a fim de verificar se estas distorções estariam ocorrendo.

TABELA 5 – OCORRÊNCIAS DE PRONOME LEXICAL E ZERO PARA OBJETO DIRETO EM FUNÇÃO DO FATOR LOCALIDADE

Grupo 2	FL	Ø	Total
CTB	91	154	245
%	37	63	
peso	.59	.41	
FLP	146	237	383
%	38	62	
peso	.39	.61	

POA	139	190	329
%	42	58	
peso	.57	.43	

Assim, a tabela 5 nos apresenta as ocorrências de FL e Ø, já excluídos os clíticos. É possível observar nessa tabela que os percentuais das três cidades apresentam desempenhos semelhantes. Quando consideramos os pesos relativos, no que se refere a Curitiba e Porto Alegre, há indicação da preferência pela forma FL (.59 e .57, respectivamente). Todavia, para Florianópolis ocorre o contrário (.61 para Ø).

Por entendermos que havia uma clara distorção na leitura dos dados, julgamos que essa distorção pudesse estar ligada a erros de codificação ou à falta de uniformidade na coleta dos dados, uma vez que as entrevistas nem sempre tratam dos mesmos assuntos. Todavia, parece que a distorção é, de fato, produzida pela interação dos diversos fatores durante as rodadas estatísticas. Posteriormente, realizamos rodadas envolvendo as três cidades, isolando e agrupando em cada uma delas grupos de fatores pesquisados.

TABELA 6 – OCORRÊNCIAS DE *PRONOME LEXICAL E ZERO* PARA OBJETO DIRETO TRATADAS ESTATISTICAMENTE EM SEPARADO EM FUNÇÃO DO FATOR LOCALIDADE

INPUT	FL	Ø	Total
CTB	91	154	245
%	37	63	
INPUT	.33	.67	
FLP	146	237	383
%	38	62	
INPUT	.31	.69	
POA	139	190	329
%	42	58	
INPUT	.39	.61	

De modo geral, houve pouca alteração nos resultados. Por esta razão, procuramos fazer uma análise estatística em separado para cada cidade. Só aí, então, obtivemos resultados que, a nosso ver, podem espelhar de fato o comportamento das ocorrências.

A tabela 6 considera apenas os *input* relativos aos resultados estatísticos das três cidades, considerados em separado, ou seja, essa tabela não é um conjunto de dados (957), mas três conjuntos (CTB: 245, FLP: 383, POA: 329) tratados isoladamente. Desse modo, procuramos sanar as distorções produzidas ao tratarmos todo o conjunto dos dados. Assim, a tabela 6 mostra que a probabilidade de ocorrências com Ø para as três cidades – mesmo consideradas as diferenças entre elas – aponta na mesma direção, ou seja, na direção da maior probabilidade de uso de Ø em relação à FL (a despeito do que dizem as tabelas anteriores, que apresentam discrepância nos pesos relativos de CTB e POA, indicando que os falantes dessas

idades preferiam FL). Os resultados dos *input* demonstram, portanto, que os dados tratados em conjunto induzem a distorções na leitura dos resultados.

Reiterando o que afirmamos anteriormente, a busca de diferentes recortes estatísticos para os dados se deu em função dos indícios que os próprios dados nos apontaram. Por exemplo, quanto ao fator *sexo* do informante – ao considerarmos a variável dependente – podemos observar que no que se refere ao *clítico*, os falantes do sexo masculino apresentam a maior probabilidade de ocorrência, embora se trate, em termos absolutos de apenas uma ocorrência de diferença.

TABELA 7 – OCORRÊNCIAS DE *PRONOME LEXICAL*, *ZERO* E *CLÍTICO* PARA OBJETO DIRETO EM FUNÇÃO DO FATOR SEXO DO INFORMANTE

Grupo 3	FL	Ø	CLÍTICO	Total
masculino	140	263	11	403
%	34	64	3	
peso	.302	.306	.391	
feminino	236	318	10	554
%	42	56	2	
peso	.363	.358	.280	

Segundo a tabela 7, ao considerarmos os pesos relativos, os falantes do sexo masculino apresentam perfil conservador ao preferirem o *clítico*. No que se refere ao falantes do sexo feminino, esse grupo apresenta maior tendência de uso de formas inovadoras, *pronome lexical* e *clítico*.

A reflexão que os pesos relativos nos permitem fazer – considerando que os falantes do sexo masculino preferem *clítico* enquanto os falantes do sexo feminino têm maior preferência por FL – se dá em ordem e direção inversamente proporcionais, ou seja, os falantes do sexo masculino preferem primeiro *clítico* (.391), depois FL (.306) e Ø (.302); já os falantes do sexo feminino, por sua vez, preferem primeiro a FL (.363), Ø (.358) e *clítico* (.280). Embora a diferença entre FL e Ø seja mínima nos dois casos, como nos mostra a tabela 8 onde a variável dependente ficou reduzida às variantes FL e Ø.

TABELA 8 – OCORRÊNCIAS DE *PRONOME LEXICAL* E *ZERO* PARA OBJETO DIRETO EM FUNÇÃO DO FATOR SEXO DO INFORMANTE

Grupo 3	FL	Ø	Total
masculino	140	263	403
%	35	65	
peso	.50	.50	
feminino	236	318	554
%	43	57	

peso	.50	.50	
------	-----	-----	--

Não obstante ao que mostra a tabela 7, ao considerarmos a tabela 8, da qual excluimos os *clíticos*, podemos declarar que não é o fator sexo que influencia a escolha dos falantes pela forma de pronome lexical ou pelo Ø, uma vez que apresentam os mesmos índices probabilísticos.

Ao analisarmos os dados relativos ao fator *idade* (Tabelas 9 e 10) constatamos que os pesos relativos para o uso de *clítico* apresentam valores bastante próximos (Tabela 9), embora as faixas etárias A (25-50 anos) e B (mais de 50 anos) apresentem diferença razoável entre si, se comparados a FL e Ø.

TABELA 9 – OCORRÊNCIAS DE *PRONOME LEXICAL, ZERO E CLÍTICO* PARA OBJETO DIRETO EM FUNÇÃO DO FATOR IDADE DO INFORMANTE

Grupo 4	FL	Ø	CLÍTICO	Total
A	244	295	13	403
%	45	55	2	
P	.375	.281	.344	
B	132	286	8	554
%	32	68	2	
P	.292	.390	.318	

Mesmo assim, podemos afirmar que os falantes de idade A apresentam maior probabilidade de uso da forma *clítico* em relação aos falantes da idade B, fato que pode estar relacionado a outros fatores, à escolaridade, por exemplo. Todavia, os usos de FL e Ø feitos por A e B merecem atenção por apresentarem valores muito próximos e inversamente proporcionais. Ou seja, os falantes faixa etária A preferem mais FL, enquanto que os falantes da faixa etária B preferem Ø.

TABELA 10 – OCORRÊNCIAS DE *PRONOME LEXICAL E ZERO* PARA OBJETO DIRETO EM FUNÇÃO DO FATOR IDADE DO INFORMANTE

Grupo 4	FL	Ø	Total
A	244	295	403
%	45	55	
P	.56	.44	
B	132	286	554
%	32	68	
P	.42	.58	

Ao retirarmos os *clíticos* da amostra, observamos que a tendência se mantém a mesma (Tabela 10). Por esta razão, embora saibamos que os pesos relativos consideram o conjunto

dos dados, nos pareceu importante, mais uma vez, mostrar onde os dados sofrem alteração significativa a partir de rodadas estatísticas. Dessa forma poderíamos entender melhor o comportamento dos dados.

Ao tratarmos, portando, as ocorrências relativas ao fator idade, isoladamente em cada cidade, obtivemos os resultados da tabela 11. Desse modo, pudemos constatar que a inversão produzida pelos resultados de Porto Alegre – embora seja bem pouco significativa – é estável, ou seja, o fator idade não influencia os falantes dessa cidade, fato que não ocorre em relação a Curitiba e Florianópolis. Nessas cidades há clara preferência dos falantes mais jovens pelo uso de FL (.63 e .60, respectivamente), enquanto os falantes mais velhos preferem Ø.

TABELA 11 – OCORRÊNCIAS DE *PRONOME LEXICAL E ZERO* PARA OBJETO DIRETO TRATADAS ISOLADAMENTE POR CIDADE, EM FUNÇÃO DO FATOR IDADE DO INFORMANTE

Grupo 4	FL	Ø
A		
CTB	.63	.37
FLP	.56	.44
POA	.49	.51
B		
CTB	.38	.62
FLP	.40	.60
POA	.51	.49

Ao tratarmos o fator *escolaridade* (Tabela 12), considerando os pesos relativos ao nível 1 (primário), as probabilidades de ocorrências se dão na seguinte ordem: primeiro *clítico* (.348), Ø (.328) e FL (.324), sendo que os dois últimos praticamente não apresentam pequena diferença entre si. Além disso a diferença entre essas duas variantes e *clítico* é muito pequena. No nível 2 (ginásio), mantém-se o *clítico* com maior probabilidade de ocorrência (.369), seguido também de Ø (.333) e FL (.297). Para o nível 3 (segundo grau), FL aparece com maior probabilidade de ocorrência (.380), seguido de Ø (.335) e *clítico* (.285). como possível observar, os falantes do nível 3 mostram maior probabilidade de uso de FL, enquanto 1 e 2 tendem a usar mais Ø e *clítico*.

TABELA 12 – OCORRÊNCIAS DE *PRONOME LEXICAL, ZERO E CLÍTICO* PARA OBJETO DIRETO TRATADAS EM FUNÇÃO DO FATOR NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO INFORMANTE

Grupo 5	FL	Ø	CLÍTICO	Total
1	142	229	9	371
%	37	60	2	
peso	.324	.328	.348	

2	125	207	8	332
%	38	59	2	
peso	.297	.333	.369	
3	109	145	4	254
%	42	59	2	
peso	.380	.335	.285	

Para tratarmos de FL e Ø, procuramos isolar essas duas variantes dos *clíticos*, como havíamos feito anteriormente com os outros fatores. Assim, como nos mostra a tabela 13, FL tende a ocorrer mais com os falantes do nível 3 (.54) e Ø tende a ocorrer mais no nível 2 (.53). Para a escolaridade 1, por sua vez, os valores se distribuem igualmente.

TABELA 13 – OCORRÊNCIAS DE *PRONOME LEXICAL* E *ZERO* PARA OBJETO DIRETO TRATADAS EM FUNÇÃO DO FATOR NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO INFORMANTE

Grupo 5	FL	Ø	Total
1	142	229	371
%	38	62	
peso	.50	.50	
2	125	207	332
%	39	62	
peso	.47	.53	
3	109	145	254
%	43	57	
peso	.54	.46	

No que se refere a Ø, que na tabela 12 apresentava pesos bastante próximos para os níveis 2 e 3 (.333 e .335, respectivamente), na tabela 13 mostra maior probabilidade de ocorrência na escolaridade 2 (.53). FL, por sua vez, mantém a probabilidade maior de ocorrência no nível 3 (.54).

A escolaridade, portanto, independentemente do recorte que façamos, se mostra como um dos fatores que influencia a escolha das variantes lingüísticas feita pelos falantes, só que na direção contrária ao esperado: pela literatura na área a variante FL seria mais estigmatizada que a variante Ø.

OS DADOS RELATIVOS AO OBJETO INDIRETO

Os dados referentes ao objeto indireto (OI), representados pelas formas de *pronome lexical* (*a ele, a ela, para ele, para ela*) e *ausência de preenchimento* do pronome (Ø), somam 300 ocorrências (48 para Curitiba, 156 para Florianópolis e 96 para Porto Alegre).

Chamamos atenção, novamente, para o fato de todas as ocorrências envolvendo o *lhe* terem sido desconsideradas pelas razões já expostas no capítulo 3.

Os resultados a que chegamos serão apresentados a seguir.

TABELA 14 – OCORRÊNCIAS DE *PRONOME LEXICAL E ZERO* PARA OBJETO INDIRETO EM FUNÇÃO DO TRAÇO [\pm ANIMADO] DO REFERENTE

Grupo 1	FL	Ø	Total
[+ animado]	251	41	292
%	86	14	
peso	.52	.48	
[- animado]	4	4	8
%	50	50	
peso	.10	.90	
Total	255	45	300
%	85	15	
INPUT	.87	.13	

Na tabela 14, no tocante ao *traço* [\pm animado] do referente, os dados demonstram que as probabilidades de ocorrências de OI se apresentam em direção oposta ao que ocorre com os OD. Conseqüentemente, com referência ao traço [+ animado] do referente, há maior probabilidade de ocorrências com FL. O traço [- animado] do referente, por outro lado, favorece a ocorrência de Ø, como demonstram os pesos relativos.

TABELA 15 – OCORRÊNCIAS DE *PRONOME LEXICAL E ZERO* PARA OBJETO INDIRETO EM FUNÇÃO DO FATOR LOCALIDADE

Grupo 2	FL	Ø	Total
CTB	41	7	48
%	85	15	
peso	.51	.49	

FLP	133	23	156
%	85	15	
peso	.48	.52	
POA	81	15	96
%	84	16	
peso	.52	.48	

No que se refere às ocorrências e sua relação com o fator *localidade*, a tabela 15 nos apresenta os dados tratados conjuntamente. Os falantes de Curitiba e Porto Alegre tendem a usar mais FL (.51 e .52, respectivamente), enquanto os falantes de Florianópolis tendem a usar mais Ø (.52). Uma vez que os resultados guardam bastante proximidade entre si, optamos por apresentar os *input* iniciais das rodadas estatísticas feitas em separado para cada cidade. Entendemos que assim podemos ter uma visão mais clara a respeito do comportamento de FL e Ø e nas três cidades (Tabela 16).

TABELA 16 – OCORRÊNCIAS DE *PRONOME LEXICAL E ZERO* PARA OBJETO INDIRETO EM FUNÇÃO DO FATOR LOCALIDADE TRATADAS SEPARADAMENTE

Grupo 2	FL	Ø	Total
CTB	41	7	48
%	85	15	
INPUT	.87	.13	
FLP	133	23	156
%	85	15	
INPUT	.86	.14	
POA	81	15	96
%	84	16	
INPUT	.87	.13	

Desse modo, a tabela 16 nos apresenta as ocorrências das três cidades e seus respectivos percentuais de ocorrência, bem como os pesos relativos. Constatou-se que os valores dos *input* são bastante semelhantes e indicam claramente que a forma predominante e, também, com maior probabilidade de ocorrência é FL (.87, .86, e .87 para CTB, FLP e POA, respectivamente).

Ao considerarmos, no conjunto dos dados, o fator *sexo* do informante, a tabela 17 nos informa que há bastante equilíbrio entre os pesos relativos, havendo maior probabilidade de ocorrência de Ø com falantes do sexo masculino, de um lado e, de outro, maior probabilidade de ocorrência de FL com falantes do sexo feminino.

TABELA 17 – OCORRÊNCIAS DE *PRONOME LEXICAL E ZERO* PARA OBJETO INDIRETO EM FUNÇÃO DO SEXO

DO INFORMANTE

Grupo 3	FL	Ø	Total
masculino	94	21	115
%	82	18	
peso	.46	.54	
feminino	161	24	185
%	87	13	
peso	.52	.48	

Os pesos relativos referentes às três cidades para as rodadas efetuadas em separado, apresentam dados bastante semelhantes. Contudo, no que se refere aos falantes do sexo masculino da cidade de Porto Alegre, alguma alteração é apresentada. No que se refere à FL, o peso relativo é .38 e para Ø é .62, ou seja, nessa cidade há clara preferência dos falantes pela variante Ø. Os dados de Curitiba apontam para a mesma direção, ou seja, os falantes do sexo masculino preferem mais a variante Ø, todavia com menor probabilidade de ocorrência, conforme nos mostra a tabela 18. Para Florianópolis os pesos relativos se distribuem igualmente.

TABELA 18 – OCORRÊNCIAS DE *PRONOME LEXICAL E ZERO* PARA OBJETO INDIRETO NAS CIDADE DE CURITIBA, FLORIANÓPOLIS E PORTO ALEGRE EM FUNÇÃO DE INFORMANTES DO SEXO MASCULINO

Grupo 3	FL	Ø	Total
masculino			
CTB	16	3	19
%	84	16	
peso	.45	.55	
FLP	48	9	57
%	84	16	
peso	.50	.50	

POA	30	9	39
%	77	23	
peso	.38	.62	

TABELA 19 – OCORRÊNCIAS DE *PRONOME LEXICAL E ZERO* PARA OBJETO INDIRETO NAS CIDADE DE CURITIBA, FLORIANÓPOLIS E PORTO ALEGRE EM FUNÇÃO DE INFORMANTES DO SEXO FEMININO

Grupo 3	FL	Ø	Total
feminino			
CTB	25	4	29
%	86	14	
peso	.53	.47	
FLP	85	14	99
%	86	14	
peso	.50	.50	
POA	51	6	57
%	89	11	
peso	.58	.42	

Quanto aos informantes do sexo feminino (Tabela 19), ao analisarmos estatisticamente os dados de cada cidade isoladamente, observamos que apresentam comportamentos diferentes dos dados observados anteriormente.

Como podemos observar, a rodada estatística mostra valores iguais para Florianópolis, não influenciando nessa cidade o fator sexo na escolha dos falantes por uma das variantes. Contudo, com relação a Curitiba e Porto Alegre há tendência inversa à dos falantes do sexo masculino. Logo, para os falantes do sexo feminino dessas duas cidades há maior probabilidade de ocorrência de FL. No que se refere a Porto Alegre essa diferença é mais expressiva do que a que se apresenta para a cidade de Curitiba.

Gostaríamos de enfatizar que, ao tratarmos dos dados em conjunto – como ocorre nas tabelas que primeiramente foram apresentadas a respeito dos diversos grupos de fatores – as diferenças entre as três cidades têm sido atenuadas. O mesmo fato não se dá quando as três cidades são analisadas individualmente. Por esta razão, mais uma vez, nos valem das rodadas em separado por cidade (conforme Tabela 18 e 19) a fim de esclarecer nossas próprias dúvidas quanto aos resultados da análise estatística.

Ao considerarmos as ocorrências de FL e Ø para objeto indireto em função do fator *idade do informante*, obtemos pesos relativos que indicam haver maior probabilidade de ocorrência de FL nos informantes mais jovens (A: 25 a 50 anos) e que os informantes mais velhos (B: mais de

50 anos) tendem a usar mais a forma Ø, como nos é mostrado na tabela 20, abaixo.

TABELA 20 – OCORRÊNCIAS DE *PRONOME LEXICAL E ZERO* PARA OBJETO INDIRETO EM FUNÇÃO DO FATOR IDADE DO INFORMANTE

Grupo 4	FL	Ø	Total
A	164	24	188
%	87	13	
peso	.53	.47	
B	91	21	112
%	81	19	
peso	.44	.56	

Assim, análise em tempo aparente apresenta um pequeno índice de mudança em relação ao uso de FL entre os mais jovens.

Por fim, apresentamos os dados relativos ao fator *nível de escolaridade* dos informantes (Tabela 21). Desconsideradas as diferenças regionais – nas quais somente os falantes de Curitiba, com ginásio, mostraram maior probabilidade para escolher as forma Ø (.71) à FL (.21) – a tabela 21 apresenta os pesos relativos e as probabilidades de ocorrências.

TABELA 21 – OCORRÊNCIAS DE *PRONOME LEXICAL E ZERO* PARA OBJETO INDIRETO TRATADAS EM FUNÇÃO DO FATOR NÍVEL ESCOLARIDADE DO INFORMANTE

Grupo 5	FL	Ø	Total
1	107	21	128
%	84	16	
peso	.45	.54	
2	72	17	89
%	81	19	
peso	.40	.58	
3	76	7	83
%	92	3	
peso	.68	.32	

Primeiramente, com os falantes de escolaridade 1 (primário), há maior probabilidade de ocorrência de Ø (.54) e menor probabilidade de ocorrência de FL (.45). Para o nível 2 (ginásio) há tendência semelhante (.58 e .40 para Ø e FL, respectivamente). Porém, os pesos relativos de Ø apresentam maior valor e os pesos relativos de FL são menores que os registrados para a escolaridade 1. Diferença expressiva, entretanto, é apresentada nos pesos relativos da

escolaridade 3 (segundo grau). Os falantes pertencentes a essa escolaridade preferem FL a Ø (.68 e .32, respectivamente).

4.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados, permitem que algumas afirmações sejam feitas. Primeiramente, OMENA (1978), NUNES (1993) apresentam resultados que remetem a manutenção dos *clíticos* no PB à ação corretiva da escola. Isso se confirma na amostra de OMENA (1978) que, ao estudar a fala de adultos não escolarizados não constata nenhuma ocorrência de clítico.

A pequena ocorrência dos clíticos OD e da ocorrência de clíticos OI apenas em frases feitas em nossa amostra, confirmam também as afirmações de CYRINO (1993), PAGOTTO (1993) e BERLINCK (1996b), no que diz respeito à queda e desaparecimento dos clíticos no PB e da substituição dos mesmos pelo pronome lexical e pela ausência de preenchimento do pronome objeto.

O traço [\pm animado] do referente atesta as afirmações de OMENA (1978), DUARTE (1986) e TARALLO e DUARTE (1988) no tocante ao fato do traço [- animado] estar favorecendo a ausência de preenchimento do pronome objeto e do traço [+ animado] favorecer a ocorrência do pronome lexical, no que se refere ao OD e também para OI, como constatamos também em nossa amostra. Por outro lado, verificamos que a ocorrência do traço [- animado] se dá com probabilidade maior para OD, enquanto que o traço [+ animado] vai caracterizar as ocorrências de OI, conforme afirma BERLINCK (1996b).

A distribuição das ocorrências por cidade, por sua vez, demonstra que há pequenas diferenças quando consideramos os dados de cada cidade isoladamente: os resultados apontam em direção semelhante, ou seja, para OD há tendência maior de ocorrência de Ø e para OI há maior probabilidade de ocorrência de FL.

No entanto, pudemos notar discrepâncias regionais no que se refere aos grupos de fatores que trataremos a seguir.

Quanto ao sexo do informante, os resultados referentes a OD mostram que esse fator não influi na escolha dos informantes por FL e Ø. Para OI, por sua vez, há discrepâncias regionais que merecem ser melhor estudadas; todavia, podemos afirmar que para OI os falantes do sexo masculino tendem a usar mais Ø, enquanto os falantes do sexo feminino preferem FL.

No que se refere ao fator idade, os dados demonstram que para OD os falantes mais jovens preferem FL, concordando com DUARTE (1986) e os mais velhos Ø, tendência que também se confirma para OI.

A respeito da escolaridade, embora haja grande proximidade nos dados referentes a OD, é possível afirmar que os falantes com ginásio preferem Ø; já os falantes com segundo grau preferem FL.

Essa tendência se confirma também para OI, contudo, os falantes com segundo grau apresentam pesos mais significativos para FL.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERLINCK, Rosane de Andrade. The Portuguese Dative. In: VAN BELL, Willian & VAN LANGEDONCK, Willy (eds.). **Cases and grammatical relations across languages. The Dative. Descriptive Studies**. v. 1. Amsterdam/Philadelphia : John Benjamins. 1996a. p. 119-151.

_____. **A expressão do objeto indireto do português do Brasil**. Comunicação apresentada no X Encontro do CELLIP (Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná), Curitiba, 24 a 26 de out. 1996b.

_____. **Sobre a realização do objeto indireto no português do Brasil**. Comunicação apresentada no II Encontro do CEISUL (Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul), Florianópolis, 02 a 4 de jan. 1997.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da língua portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro : FAE, 1985.

CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, Ian & KATO (orgs.), Mary A. **Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica**. Campinas : Editora da Unicamp, 1993. p. 163-184.

_____. **O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático diacrônico**. Campinas, 1994. Tese (Doutorado em Ciências-Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil**. São Paulo, 1986. Dissertação (Mestrado em Ciências-Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

_____. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARRALO, Fernando (org.). **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas : Pontes, 1989. p. 19-34.

FAGUNDES, Edson Domingos. Alguns problemas na identificação do referente em casos de ausência de preenchimento do pronome objeto. **Fragmenta**. Curitiba, n. 13, p. 33-50. 1996.

FAGUNDES, Edson Domingos. **Ocorrências de objeto direto e indireto nas três capitais do Sul do Brasil: clíticos, pronomes lexicais e ausência de preenchimento**. Curitiba, 1997. Dissertação (Mestrado em Letras-Lingüística) – Universidade Federal do Paraná.

KNIES, Clarice Bohn; COSTA, Iara Bemquerer (orgs.). **Manual do usuário do banco**

de dados lingüísticos "VARSUL". 1994. 13 p

MENON, Odete Pereira da Silva. **O sistema pronominal do português do Brasil.** ANPOLL, Caxambu, 13 p., 1994.

NUNES, Jairo M. Direção de clitização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: ROBERTS, Ian & KATO (orgs.), Mary A. **Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica.** Campinas : Editora da Unicamp, 1993. p. 207-222.

OMENA, Nelize Pires. **Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa.** Rio de Janeiro, 1978. Dissertação (Mestrado em Lingüística de Língua Portuguesa) - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

PAGOTTO, Emílio G. Clíticos, mudança e seleção natural. In: ROBERTS, Ian & KATO (orgs.), Mary A. **Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica.** Campinas : Editora da Unicamp, 1993. p. 185-206.

TARALLO, Fernando; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Processos de Mudança Lingüística em processo: A saliência vs. não saliência de variantes. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, n. 20, v.2, p.44-58, 1988.